

ENTREVISTA COM DERCY TELES DE CARVALHO CUNHA

Estefany France Cunha da Silva
 Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e
 Identidade, Acre - Brasil
 estefany.france2016@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1297-8503>

Dercy Teles é trabalhadora rural e militante pelos direitos da terra desde as décadas de 1970. Foi a primeira mulher a presidir um sindicato na Amazônia Acreana, presidiu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR de Xapuri, pela primeira vez, em 1981. Manteve-se nos projetos voltados à educação e desenvolvimento dos seringueiros e trabalhadores rurais do Alto Acre desde então. Em 2006, voltou a presidir o STR de Xapuri e manteve-se entre presidência e vice-presidência até 2017.

A ENTREVISTA ABAIXO FOI REALIZADA EM NOVEMBRO DE 2022

Estefany France: Pode começar falando sobre você?

Dercy Teles: Eu me chamo Dercy Teles de Carvalho Cunha, tenho 68 anos, sou filha de seringueiro, nasci e me criei no seringal. Moro na mesma colocação onde fui criada, não nasci nela, mas nasci no mesmo seringal, nasci em uma colocação chamada Limoeiro. Aos 4 anos meus pais se mudaram para a colocação Pimenteira, fica a 10 km da cidade de Xapuri. Eu digo que nasci, cresci e envelheci no meio da floresta. Eu sou aposentada como funcionária pública por conta do meu trabalho como agente de saúde do município na Zona Rural. Quando fiz 60 anos, me aposentei pela idade. Pela condição em que fui acometida, não podia mais trabalhar como agente de saúde porque pegava muito sol. Hoje em dia é tudo ramal, não tem mais varadouro e o sol é algo que me afeta. Aí eu pedi aposentadoria.

Hoje eu crio cabeças de gado e galinha. Eu planto umas coisinhas para o consumo, apenas para mim, porque eu moro sozinha. E vivo lá cuidando da bicharada, crio gato e cachorro para me fazer companhia. E vendo galinha e bezerro para complementar a renda.

Estefany France: Você mora na Reserva Extrativista - RESEX Chico Mendes?

Dercy Teles: Não. Fico no entorno da RESEX. Chama-se de área branca. Aliás, eu e minha irmã pegamos nossas partes quando nossa mãe morreu. A posse tem mais de 60 anos. Eu e ela fizemos usucapião, o dela está totalmente regularizado. Ela tem 100 hectares e eu tenho 121 hectares. Mas a minha tem um probleminha porque eu doei 20 hectares para um irmão adotivo e ele ven-



deu para uma pessoa que acabou entrando na minha área. Hoje, eu estou com o pepino nas minhas mãos porque vou ter que fazer o georreferenciamento da área que me tocou, 146 hectares, para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA - poder fazer em cartório o desmembramento dos meus atuais 121 hectares. Mexer com esse negócio de regularização fundiária particular é difícil porque tudo custa muito caro. Eu botei o preço da terra de 3 mil reais por hectare, a minha irmã o preço por hectare é 10 mil, porque é mais próximo à cidade, tem energia na porta, então lá é um lugar bem cobiçado. Ela dizia que só vendia por 10 mil. Quando chegaram com o dinheiro, ela inventou outra história e saiu de mansinho (risos). Nós nos endividamos muito com essa documentação. Quando passa de 100 hectares, precisa de um engenheiro e topógrafo com registro para fazer o georreferenciamento e eles não cobram barato. Então, tenho essa pendência e espero resolver em 2023.

Estefany France: Como foi sua trajetória antes de entrar no sindicato?

Dercy Teles: Nasci no seringal. Recebi a educação que toda mulher de família rural recebe. Em 1974, quando eu tinha vinte anos, meu pai morreu. Aí tive que assumir a condução da colocação administrativamente. Meu irmão mais velho é alcoólatra, porque não existe ex-alcoólatra, a qualquer momento eles podem reincidir. E minha mãe era uma daquelas mulheres do lar, o marido que escolhia o tecido, a costureira, a altura, se era curto, se era longo, se era médio. Ela era uma mulher que só vivia para servir a família e não tinha essa noção administrativa. Eu, graças a Deus, fui criada por ela, mas herdei um pouco do meu pai. Ele era nordestino, do estado do Piauí, município de Regeneração. Era uma pessoa muito positiva, gostava de falar a verdade, quando tinha que falar alguma coisa para alguém ele falava para a própria pessoa e não ficava mandando recado não.

Não gostei nenhum pouco, mas fui obrigada a assumir o comando da família porque vi que íamos para a miséria se dependesse do meu irmão. Quando ele começava a beber, não tinha data para parar, fazia bobagens que atrapalhavam o trabalho de todo mundo, porque todo mundo trabalhava: eu, minha mãe e a minha irmã. A minha irmã ainda era solteira quando meu pai morreu, casou 4 anos depois. Ela cuidava da casa e eu e minha mãe íamos para a roça, cuidar das criações, produzíamos farinha na agricultura de subsistência. Meu irmão cortava seringa quando não estava sob o efeito do álcool, mas ele, quando começava, só parava depois de uma semana. E, daí, eu fui me apropriando dessa direção da colocação para ter autonomia. Eu cortava estrada de seringa, ajudava a raspar a estrada (preparo da área para fazer a sangria para colher o látex), a coletar o látex, brocar roçado, fazer cerca.

Assim, fazia de tudo um pouco com eles, até porque trabalhávamos com meeiros, aqueles que cortavam e produziam a seringa por metade, esses eram rapazes mais jovens e meu irmão não tinha moral para eles. Porque eles iam cortar uma estrada de seringa e, se eu não fosse, era uma eternidade. Eles iam tomar banho no rio, via uma casa de tatu,

iam pegar água no cano de taboca até encher a casa do tatu para eles matarem, coisa de gente bagunceira mesmo.

Mesmo mais nova, eu tinha autoridade com eles. Qualquer estrada era roçada em dois dias, porque eu colocava ordem, nós só comíamos na hora de ir embora. Porque depois que comia, ninguém queria mais trabalhar, esfriava o sangue, a mão ficava dolorida, até eu ficava sem disposição. E tudo funcionou nessas condições. Mas eu tive altas discussões com meu irmão. Na nossa casa, eu não permitia bebedeira, só uma vez no ano, na festa do dia da broca, dia 28 de junho, dia do meu aniversário, e dia 29 é o do meu irmão. Meu pai fazia todo ano e, depois do seu falecimento, nós continuamos. Nesse dia, sim, tinha bebida, porém, às cinco horas da manhã, eu recolhia a bebida que sobrava, trancava na dispensa e colocava a chave na cinta. Ninguém sabia. Nessa época, apenas quem não me conhecia vinha falando: “me venda mais uma garrafa”. Aí eu falava: “Meu irmão, a festa acabou às cinco horas da manhã, agora a festa é outra, nós vamos colocar a casa em ordem porque amanhã vamos trabalhar, e você com certeza tem algo para fazer na sua casa. Por isso, pegue seu caminho”.

Então, nós conduzimos desse modo, com respeito e sem agredir as pessoas, sem precisar usar violência e mantendo a verdade. Em 1978, iniciou-se a Teologia da Libertação em Xapuri, a comunidade da zona rural era grande. Por conta das minhas atitudes, fui indicada pela comunidade para ser animadora do grupo de evangelização, onde escolhemos um sábado e um domingo para lermos um texto bíblico, fazer uma reflexão da realidade e propor mudanças para aquelas situações. Isso era parte da organização da própria comunidade. O sindicato de Xapuri foi fundado em 1977, um ano antes da chegada da Teologia da Libertação.

A igreja fortaleceu o movimento sindical a partir da organização da comunidade com o grupo de evangelização, pois, onde existia um grupo de evangelização, era presente uma delegacia sindical com o mesmo público. O monitor, geralmente, era escolhido como delegado sindical por possuir habilidades de escrita e leitura necessárias para receber a contribuição sindical e emitir recibos. Então, nós tínhamos dupla função. Depois de ser monitora, fui eleita delegada sindical da mesma comunidade. Em 1981, conseguimos derrubar a diretoria do sindicato porque estavam fazendo acordos prejudiciais aos trabalhadores. Com a transição do extrativismo para a pecuária, os grandes latifundiários se apropriaram dos seringais para colocar pastos. Naquela época, muitos delegados e sindicalistas se envolviam com pecuaristas para obter vantagens em Xapuri. Isso aconteceu com seu Luiz Damião do Nascimento, que já morreu. Ele foi suspeito de fazer aliança com os fazendeiros e indenizar os seringueiros para poder desmontar as terras. Houve outro caso em que o delegado sindical induziu os seringueiros a receberem indenização de um lote enquanto ele próprio recebeu dois lotes. Os outros receberam cinquenta hectares e ele recebeu cem hectares para enganar os trabalhadores. Naquela época, um representante sindical tinha toda a confiança das comunidades e era visto como alguém com responsabilidade e dedicação. Seu Luiz foi deposto em agosto de 1981 e fizemos uma

eleição para eleger uma diretoria provisória. Até porque o mandato era de 2 anos, ele foi o presidente fundador, o mandato era de 2 anos e ele estava há um ano. Eu cumpri o mandato dele, esse último ano que ele não poderia concluir. Fui presidente eleita em uma assembleia, tinha uns 1.500 trabalhadores. Foi uma eleição muito bonita e eu conduzi os destinos do sindicato de agosto de 1981 até agosto de 1982. Quando saí do sindicato eles queriam que eu continuasse, mas eu sempre fui contra a concentração do poder. Sempre achei que todo mundo tem que ter uma experiência administrativa, até para conseguir detectar erros de desvio de dinheiro. Se você não sabe, não tem como questionar o outro e fazer qualquer crítica. Não quis continuar, eles queriam que eu fosse eleita no mandato de mais dois anos, mas, como sempre fui contra, queria dar oportunidade para outras pessoas viverem essa experiência, porque quando você vive na prática você aprende melhor do que na teoria.

Eu fui a segunda presidente do STR de Xapuri e a primeira mulher na Amazônia. Muita gente fala que fui a primeira no Brasil, mas a primeira foi a Margarida Alves, em Pernambuco. Eu fui a segunda, a primeira na Amazônia. Os sindicatos rurais eram um mundo exclusivo dos homens. As mulheres eram como eu falei sobre minha mãe: quando você chegava na colocação, a dona da casa saía para chamar a outra mulher para ir conversar na cozinha. Homem estranho na cozinha só a convite do dono da casa e depois cada um para o seu canto.

Eu passei por essa experiência. Foi um desafio muito grande, porque eu era jovem, solteira, tinha vinte e quatro anos, e mulher só podia andar na companhia do pai e do irmão, só homem da família. Com homem estranho, eles chamavam de mulher solteira, mulher da vida, significando prostituta. Puta, era isso que eles queriam dizer. Eu sofri muita discriminação pelas mulheres também porque eu tinha que ficar com os homens, já que eles que eram associados do sindicato e eu escutava as mulheres comentando pelo outro lado da parede: “essa mulher só aparece aqui com homens diferentes”. E, assim, eu descobri que nós mulheres somos tão machistas quanto os homens. Nos parlamentos têm pouquíssimas mulheres. As mulheres estão mais nas atividades que se considera como lugar delas, na sala de aula, na enfermagem.

Alguns homens também não me aceitavam como presidente; eles achavam um absurdo. Mas Dom Moacyr e Padre Destro foram fundamentais nesse processo de pacificação para me aceitarem como presidente nas comunidades. Eles defendiam a participação das mulheres, e nessa primeira organização, só havia duas mulheres: eu na presidência e uma no conselho fiscal, o resto, todos homens.

Nas assembleias, você via os homens cochichando e fazendo rostos de ironia, pois achavam que nós éramos enxeridas. Alguns queriam tirar proveito porque se encontravam sozinhos com uma mulher. Ainda agora, eu estava falando com minha irmã sobre homens que não conseguem conviver com uma mulher sem dar em cima dela, porque acham que, se o homem não fizer isso, ele não é o macho que a sociedade considera. Passei por esses constrangimentos, mas resisti.

Nas reuniões dos presidentes de sindicato, com os delegados da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG, eu era a única mulher. Os homens mexiam comigo por baixo da mesa. Eu me levantava, tomava uma água e mudava de lugar para não causar constrangimento. Eu ignorava para não decepcionar ninguém. Fui honesta na gestão do sindicato. Tive coragem para enfrentar. Eram duas ditaduras: a do machismo comum e a do machismo militar, pois era no tempo da ditadura e passávamos por uma perseguição política muito grande. Inclusive, fomos seguidos pela Polícia Federal em tudo quanto era lugar. Conseguimos sobreviver a tudo isso e corresponder às expectativas dos trabalhadores.

Na minha primeira presidência, aconteceu um dos maiores empates em Xapuri, em maio de 1982, em que foram presas 112 pessoas, na fazenda Santa Fé, na estrada que liga Xapuri e Brasiléia, ali à esquerda de quem vai à Brasiléia. Eu passei o mês de abril todo nessa área dialogando com os trabalhadores, avisando o que iria acontecer porque eu sabia o que ia acontecer. Fui convocada pelo delegado da CONTAG para uma reunião com vários representantes, tinha um homem que berrava e gritava querendo que eu tomasse uma atitude e me responsabilizasse por conter o empate. E eu dizia: “não posso fazer isso, eu sou a representante para apresentar as deliberações dos associados, o que for deliberado, constado em ata e assinado por eles, é isso que eu vou defender. Não vou fazer nenhuma negociação que contrarie essa decisão”. O cara gritava, dizia palavrão, era um horror, ele era barbudo, sem educação, queria me levar de avião, em um avião teco-teco, com um fazendeiro, para ir fazer uma reunião, eu dizia: “não vou, já passei 30 dias discutindo aqui, por enquanto vamos aguardar, se eles pedirem uma extraordinária, eu comunico, mas a decisão é essa”. Aí ele gritava: “vão todos se fuder”.

O Estado colocou toda a força policial de Xapuri em ação. Havia um pelotão da Polícia Militar conhecido como “boina vermelha” que também foi acionado, assim como a Polícia Federal. No total, 112 pessoas foram presas em um cordão policial formado por policiais armados com metralhadoras e fuzis. Algumas pessoas consideradas incitadoras, como Raimundão, o pai da minha filha, Ronaldo Lima de Oliveira e seu Luiz Targino, foram presas. Os demais, inclusive eu, foram mantidos no cordão formado pelas forças policiais. Eu não fui ao empate porque a CONTAG havia orientado os presidentes a não aparecerem em manifestações desde a morte de Wilson Pinheiro, pois acreditavam que a polícia os considerava os cabeças e os matariam. Então, trabalhei todo o processo de articulação, mas no dia fiquei na cidade para dar apoio logístico e levar comida. A sociedade urbana de Xapuri foi muito solidária e ajudou com a alimentação, assim como a igreja. Aqueles que não estavam presos foram levar comida e acabaram sendo presos.

Estefany France: Você também ficou presa durante 3 dias?

Dercy Teles: Nós ficávamos em volta do pátio da delegacia, que tinha uma mureta na frente e dos lados. Ainda bem que tinha algumas árvores que faziam sombra. Havia cerca de 3 celas e eles colocaram até três pessoas em cada cela, porque não havia espaço para

mais. Fiquei lá para me solidarizar, pois muitas pessoas passaram mal e entraram em pânico. Não é fácil ver um fuzil ou arma engatilhada apontada para você e manter a calma. A pessoa que estava sendo prejudicada com o desmatamento acabou se vendendo no processo e o momento mais difícil foi impedir o linchamento desse sujeito. Esse homem não foi preso, pois se escondeu na mata, mas depois negociou a posse da terra com o fazendeiro. Graças a Deus e modéstia à parte, sempre tive um espírito e um carisma muito forte que as pessoas ouviam. Consegui contar com a ajuda do Padre Cláudio e do Padre Otávio Destro. Fizemos uma assembleia para avaliar o processo e os empates foram acontecendo com mais aprimoramento. Houve até empate em que ninguém da direção do sindicato estava presente. O pessoal decidia e só avisava que estava lá para que pudessemos arrumar assistência jurídica. Quando ficamos presos por três dias, foi porque o Dr. Arquilau de Castro Melo, ligado ao centro de Direitos Humanos e advogado ativo na Teologia da Libertação, estava em Cruzeiro do Sul, onde havia apenas um voo por semana, e ficamos esperando por ele para ir liberar o pessoal. Quando ele chegou, houve pouca conversa com os policiais e todos foram liberados.

Nós conseguimos muitas conquistas a partir da organização de base. Fui trabalhar no Projeto Seringueiro, levando educação para jovens e adultos e saúde para o seringal. Começamos a discussão para a criação de uma cooperativa para resolver a questão financeira da produção, comercialização e aquisição dos gêneros de primeira necessidade que eram consumidos. Assim, culminou na criação da Cooperativa Agroextrativista de Xapuri - CAEX -, que foi uma grande cooperativa reconhecida mundialmente, institucionalizada para comercializar do boi a castanha, mas, infelizmente, depois da criação do Partido dos Trabalhadores-PT-, uma arte da época, nós não tivemos habilidade de conduzir nossas organizações de forma independente. A Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT - também ajudava na condução da independência nas interferências externas. Por exemplo, o Ministério do Trabalho poderia interferir no ente sindical, caso eles desobedecessem ao que estava constando no estatuto conforme a lei, era assim, um mal que fazia o mal e o bem ao mesmo tempo.

Nosso povo brasileiro não está preparado para conviver com a democracia, ele confunde a confiança com a liberdade. Você confia no cidadão e ele se apropria dessa confiança para agir de má-fé, foi o que aconteceu e destruiu a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri - CAEX -. A participação incisiva do PT desconstruiu a participação das organizações das sociedades civis até chegar onde chegou. Porque todo mundo era do mesmo lado, só aplaudia, ninguém conseguia apontar nenhum erro e, se fizesse, virava inimigo, porque não era permitido.

Estefany France: Como você avalia o cenário da sua presidência em 2006?

Dercy Teles: Em 2006, recebi um convite para integrar uma chapa, porém, naquela época, o sindicato estava em uma situação difícil, sem CNPJ e sem recursos. O governo investia no sindicato de forma superficial, usando-o apenas como uma fachada. O sindicato estava se afundando em dívidas e, infelizmente, as dívidas públicas não expiram,

o que significa que, mesmo após cem anos, a dívida ainda pode ser cobrada. Quando assumi a presidência do sindicato, ele estava falido. As pessoas estavam retirando tudo o que podiam do sindicato, incluindo a mobília e os equipamentos, e levando-os para os comícios, deixando o sindicato sem nada. Quando Júlio se tornou prefeito, tudo se misturou, e ninguém sabia mais a quem o sindicato pertencia. Parecia que a prefeitura, o PT, a cooperativa e o sindicato eram uma coisa só. Todo mundo queria mandar e acabava colocando as mãos no que não lhes pertencia. E naquele ano de 2006, um grupo começou a perceber esse comando. Porque ninguém tinha coragem de enfrentar o Raimundão, a grande estrela que substituiu o prestígio do Chico Mendes. Um prestígio que ele nunca teve. Mas o Chico Mendes era honesto, ele era uma pessoa que se tivesse farinha para comer em casa ele não tava nem aí.

Nós ganhamos a eleição, o candidato deles perdeu, e eles tentaram me fazer entrar no mesmo esquema, para eles continuarem no mesmo ritmo. E aí começou a divergência. No segundo dia após a eleição, o Raimundão chegou com um ofício para eu dar recebido. Eu li e vi que ele estava me pedindo para destituir como associado o senhor João Evaristo, grande fazendeiro dono da fazenda Uberaba. Eu falei: “Raimundo, eu sou presidente do sindicato. A partir de hoje, eu me responsabilizo pelo que acontecer. Eu não vou arrumar confusão com ninguém por conta de vocês. Eu não sei por que vocês filiaram o seu Evaristo”. Aí ele falou: “Foi porque a secretaria não conhecia ele”. Falei: “Não admito que, em um lugar como Xapuri, alguém não conheça o seu Evaristo, um grande latifundiário. Todo mundo conhece a fazenda dele. Sinto muito, mas eu respondo daqui em diante. O que aconteceu para trás é coisa de vocês. Deveriam ter arrumado antes de começar meu mandato”.

Assim começou o conflito, porque ele não admitia ser constrangido. Mas se eu tiver razão, venha o presidente da república aqui que eu enfrento. A divergência foi se acirrando porque eu não permitia que usassem os bens ou o espaço do sindicato para fins políticos. No momento não tinha nada. Mas até a nossa saída conseguimos arrumar tudo: tinha som, data show, notebook para as apresentações, 3 computadores de mesa, freezer, uma cozinha com fogão industrial e com utensílios para servir 100 pessoas.

A divergência se acirrou ainda mais em 2008, quando o IBAMA fez uma operação chamada “Resex Legal”. Essa área já estava totalmente devastada e o Ibama só reconheceu como área da reserva em 2008, quando colocaram a placa lá. As pessoas entendiam que era uma reserva da fazenda e não extrativista, porque ninguém nunca havia identificado nada. Não havia placa e, de repente, o Ibama entra com força policial e arma na mão. Mulher abortou, bateram em gente e outros se suicidaram. É difícil passar a vida toda lutando por algo que alguém chega e manda você sair em 60 dias, tirar seu rebanho e destruir o trabalho de uma vida toda. O sindicato de Xapuri foi o único contra essa ação do Ibama. Meus colegas de direção me davam suporte, mas eles não tinham atitude para o debate, eles me davam suporte emocional.

Eu fui para o enfrentamento, inclusive, pediram o auditório do sindicato para fazer uma reunião com esse pessoal que tinha sido marginalizado. O IBAMA pediu e cedi o auditório. Achava que essa reunião era para tomar alguma atitude, para dialogar, dizer que ali era uma área de floresta, que não podia usar para a pecuária, mas não tinha mais floresta, o que tinha era uma grande fazenda de vários donos. Cada um derruba e vira um pasto, aqueles que têm um pedacinho trabalham para quem tem um espaço maior. Pelo menos assim, ninguém vive se prostituindo e se marginalizando. Porque o presídio aqui do nosso estado é referência para o país com número de jovens encarcerados. Uma vergonha para nosso estado, que passou 20 anos com um governo que se diz popular. Passou esse tempo todo desenvolvendo um local que se diz sustentável, mas não sustenta nada. Mesmo com a multiplicação do rebanho bovino, com mais de 5 milhões de cabeças de boi, o que, se dividir, dá quatro bois para cada habitante.

Nessa reunião, tinha o deputado Chagas Romão, conheço ele desde jovem, ele morava perto da minha casa quando morava com os pais dele. Me convidaram para fazer parte da mesa e passei a noite anterior sem dormir, fazendo uma carta de denúncia das atrocidades que o Ibama estava fazendo com apoio do Governo do Estado. Naquele dia, inventaram de me dar a palavra e, quando a recebi, fiz um discurso arrasador. Disse que nunca imaginei que poderia acontecer aquilo em um governo popular como o do PT. Porque um partido que se chama dos trabalhadores não poderia ter uma atitude drástica daquela, quando não oferece nenhuma condição de sobrevivência para aquelas famílias a partir do extrativismo. Pois naquela época ninguém estava comprando castanha porque não tinha para quem vender. Anselmo ficava falando atrás de mim: “Flor, não fala isso não porque nós estamos na semana do Chico Mendes”. Aí eu: “Por isso mesmo que estamos na semana em que Chico Mendes foi assassinado, em defesa desses direitos, os trabalhadores tinham que ser respeitados porque era isso que ele defendia. Eu acho que, se ele tivesse acesso ao que está acontecendo na terra, ele estaria estremeendo”. Menino, o auditório estava lotado com 100 pessoas sentadas, no corredor, no meio, na área da frente, todos apertados de tanta gente. No final, eu disse: “Eu tenho aqui um documento de repúdio a essa ação que vocês estão fazendo dentro da reserva, sem dar chance para as pessoas reverterem o quadro sem violência. Primeiro, vocês e o governo têm que dar assistência. Tem que ser uma ação em rede. O IBAMA é para fiscalizar, mas onde está a secretaria de produção? E outras soluções para as pessoas que sobrevivem do extrativismo? Se essas pessoas burlarem a lei, aí sim, é hora do IBAMA entrar em cena. E quando o Governo do Estado fizer tudo que estou falando, e tiver alguém que ouse contrariar a lei, podem contar comigo, porque aí sim estarão fazendo de sacanagem. Mas, por enquanto, não. Qual é a condição desse povo? Não tem para quem vender castanha, borracha, farinha. Esse povo vai viver de quê? Acima de tudo, temos a lei da vida, e o desenvolvimento sustentável tem que preservar primeiro o ser humano, porque sem a preservação humana, o resto não se sustenta. Vou ler aqui um documento que só essa assembleia poderá

impedir de sair dessa sala. Vou ler em alto e bom som, e, se vocês concordarem, aprovelem com uma salva de palmas”.

Menina, quando eu terminei, o povo quase derrubou esse auditório. Eu entrei na sala e começou o inferno. Havia jornais de todos os lugares, inclusive a Folha de São Paulo. O Raimundão dizia que era mentira, mas eu insistia para que ele provasse. A oposição contra a minha pessoa só aumentava, mas eu não recuei. Nós só perdemos o sindicato porque o homem em quem eu confiava muito, que foi secretário-geral no meu primeiro mandato, vice-presidente de 2009 a 2013 e presidente de 2013 a 2017, foi comprado pelo PT. Eles tomaram o sindicato porque tinham o presidente fornecendo a entidade. Mas eu fiz minha parte. As pessoas me perguntam: “Você não fica triste por ter se desgastado tanto?”. Eu, inclusive, fui acometida por uma síndrome causada pelo estresse durante essa batalha. Mas a gente perdeu a batalha, a luta continua, todo herói perde batalhas, o importante é não perder a coragem. E o presidente também virou corrupto, se vendeu para se manter dentro do sindicato. Quando descobrimos que ele estava roubando o sindicato, organizamos uma sindicância, provamos que ele estava roubando e a diretoria conduziu todo o processo até chegar à assembleia, e foi na assembleia que ele se vendeu. O governo e o município tinham condições de comprar apoio, inclusive pagaram as contribuições de quem estava atrasado para poder votar. Para ele não sair como errado, mantiveram ele lá. Mas eu digo que ele é corrupto em qualquer lugar e eu o desafio a me denunciar, pois nunca fui denunciada. Se alguém me chamar de corrupta, vai ter que provar.

Estefany France: Desde 2017 a 2022 continua o mesmo grupo?

Dercy Teles: Sim. Ninguém fez nenhuma intervenção. Eu, porque não quero, já dei minha contribuição, já dei meu exemplo. Agora eu estou só cuidando da minha vida e contando a história como eu tô aqui contando para você, e já contei para várias pessoas. No início de setembro, eu fui para Bogotá contar essa história lá, falar sobre a economia verde de lá. O pessoal da Colômbia, com governo popular, eles lá estão com a mesma ilusão que tivemos com o PT aqui. E o líder político da Colômbia já está falando que vai penhorar a parte da Amazônia da Colômbia para atender aos acordos de paz porque lá tinha conflito armado. Fizeram acordo e os guerrilheiros entregaram suas armas, mas em troca querem terra regularizada, querem condições de vida digna na zona rural. Dizem que a alternativa é vender crédito de carbono. Mas como vender algo que não posso medir ou ver, um produto invisível?

Fui lá contar a nossa história, aqui do Acre, que culminou na destruição da reserva. Hoje, a Reserva Chico Mendes, que custou vidas, muita luta, muito suor, ela está destruída porque a geração de 40 anos para cá, passados 33 anos da morte de Chico, era ainda criança quando ele morreu, com cerca de 10 ou 8 anos.

Essa geração não teve exemplo de luta, de embate em defesa de direito, então é esse povo que está destruindo a reserva, porque o governo não construiu uma política para sobreviver do extrativismo, seja da borracha, da castanha ou do açaí. Eles não têm alternativa e

demandam um consumo muito grande para dentro da reserva. A estrada não foi aberta para beneficiar quem mora lá dentro não, a energia também não, foram colocadas para poder funcionar as serrarias portáteis que não podiam passar com tora de madeira, eram feitos tamanhos padrões que ficavam arrumados no caminhão e dava para cobrir com a lona. Então, isso criou um sistema de necessidade que não existia.

Se eu tenho energia hoje na minha casa, eu quero máquina, bomba, tomar banho de chuveiro, triturar xerém para os pintos, fazer ração para as vacas. A estrada requer que você tenha um transporte, porque antes nós andávamos no meio do sol, mas, hoje, com a estrada toda desmatada, não tem quem aguente o sol.

Essa questão do transporte, para termos essas necessidades ouvidas, é a partir desse plano de manejo, chamado de manejo comunitário. O que, na verdade, é a retirada apenas da madeira de lei, as madeiras nobres da reserva. A madeira não deu dinheiro para suprir e o que supre é o boi, hoje o gado está em queda, ninguém quer comprar. Mas, ainda assim, para vender um bezerro desmamado, você tem 1.700 reais no bolso agora. Qual outro produto oferece isso?

Porque a madeira não fez isso. Os que eram ricos ficaram mais ricos, mas os moradores não ganharam nada e ainda tiveram suas áreas devastadas. Essa atividade afeta o meio ambiente de modo geral, além de tirar as árvores que só Deus sabe quantos anos elas têm para ficar naquele porte.

Também estão tirando comida dos animais. Eu planto mandioca, mas ela não chega a completar nem dois anos, porque os bichos começam a arrancar as manivas antes mesmo de nascerem. Se você ver, na minha colônia, é um estrago: periquitos, papagaios, maracanãs e curicas arrasam as plantações. Basta a manga ficar pequenininha, que os animais vêm, além de atacarem pupunhas e outras fruteiras. Na véspera de eu vir para cá, enquanto tomava banho de cuia, por não ter um banheiro em minha casa, algumas onças estavam brigando no aceiro. Os cachorros se arrepiaram e o gado, que estava perto da casa, se alvoroçou e saiu no galope. Eu, toda ensaboada, cuidei de tirar o sabão, terminei meu banho, subi, fechei a porta e os cachorros ficaram quietos.

Todo esse trabalho foi desconstruído com a implantação de uma política devastadora, sob o disfarce do desenvolvimento dos produtos florestais comunitários. A comunidade não teve participação alguma, tudo foi gerenciado de maneira empresarial. O inventário e a retirada eram feitos por empresas, e o dono da colocação era quem menos ganhava: apenas R\$69 por cada metro cúbico, enquanto os caminhoneiros ganhavam R\$200 para transportar.

O resultado dessa tragédia está repercutindo hoje, com algumas espécies sendo extintas. Como minha mãe falava, o periquito estrela só morava na beira de rios ou igarapés grandes, mas agora está fazendo ninhos nas mangueiras do meu quintal.

Estefany France: Durante seu trabalho como presidente e vice-presidente do STR de Xapuri, viveu conflitos além daqueles ocorridos em 2008 durante a operação “Resex Legal”?

Dercy Teles: Teve vários, principalmente na semana Chico Mendes, quando o sindicato realizava um evento e o governo realizava outro. No nosso grupo, o centro eram os trabalhadores. No grupo deles, tinha a “chapa branca”. Se você chegasse lá, o povo que estava no evento, com exceção do Raimundão e do Júlio Barbosa, eram os secretários, vereadores, a equipe do governo. O último evento que realizamos foi em 2017, quando saiu a revista dos 30 anos sem Chico Mendes. Fizemos uma passeata, atravessou no meio do evento deles, fomos pela frente da igreja e na casa do Chico Mendes. Com eles, tinha gente de todos os lugares do mundo, menos os trabalhadores de Xapuri. Tinha gente do Pará, Amazonas, Roraima, Rondônia, de tudo quanto era lugar, menos os trabalhadores. Nós fizemos uma passeata, juntamos índios e trabalhadores rurais, porque não tem mais seringueiro. Fizemos algumas falas em praça pública. Antes desse, fizemos o evento de 40 anos de sindicalismo no Acre. Fizemos mesas com historiadores e advogados para falar sobre os direitos. O historiador que convidei foi prefeito de Xapuri, inclusive, ele tirou um tempo de penal porque houve alguns desvios na prefeitura e, apesar de ser honesto, ele respondeu. O professor Juarez Maciel é formado em história e direito, e o Manuel Estébio, participantes dessa história de fortalecimento do sindicato.

O tempo que passamos no sindicato foi todo de embate. Tinha muitos conflitos em Epitaciolândia e em Brasília. Quando o pessoal da reserva tinha qualquer problema, me convidava para ir às assembleias. Inclusive, este ano, fui convidada, aí eu disse: “Eu vou lá falar no nome de quem? Eu não represento nenhuma instituição. Eu concedo uma entrevista, pois é assim que eu conto a história. Eu não posso estar me arriscando a falar de uma coisa que eu não tenha suporte jurídico para me sustentar”.

Estefany France: Você ainda é contribuinte do sindicato? Qual sua ligação hoje com o STR de Xapuri?

Dercy Teles: Eu era associada do sindicato e continuei sendo até junho de 2018, quando o novo grupo de diretores assumiu. Eles fizeram de tudo para me irritar e me afastar. Um dia precisei responder um e-mail, mas como não tinha computador, pedi à secretária Ione se poderia usar um dos computadores do sindicato. No entanto, ela me disse que a ordem que tinha recebido era que pessoas estranhas não poderiam usar o computador. Eu argumentei que não era estranha, mas sim sócia, e que tudo o que funcionava no sindicato era graças à contribuição dos associados, e não dos diretores, disse a Ione que precisava responder um e-mail urgente sobre meu tratamento de saúde e que não estava conseguindo pelo celular. Ela saiu, meio constrangida, e pouco depois entrou Zé Alves, que foi meu vice no passado e atual presidente do sindicato. Ele me mandou sair do computador, mas eu disse que só sairia quando terminasse o que estava fazendo. Ele arrancou o cabo do computador e foi a última baixaria que suportei. Eu disse a ele que deixasse de ser moleque e canalha, e que me decepcionava ter confiado e respeitado alguém como

ele. Perguntei onde estava a deliberação que ele alegava ter, já que uma decisão assim teria que ser tomada em assembleia geral, instância majoritária do sindicato. Mandei que deixasse de ser tolo e que não se prestasse a esse tipo de comportamento. Saí de lá, mas ainda voltei para dizer: “Deus existe e a lei do retorno também. Os dias de vocês estão contados. Quem viver, verá”. Eu sabia que o plano deles era se beneficiar do sindicato e continuar sugando as tetas do governo. Eles perderam a eleição de 2019 e, como eu previa, a lei do retorno se cumpriu.

Estefany France: Quem é o presidente hoje, em 2022?

Dercy Teles: É do mesmo grupo. É o Paulo Coelho. Não há ação alguma, é como se o sindicato não existisse, pois está neutralizado. Eles não realizam nenhuma ação. Outro dia, até disse para uma funcionária que elas vão ser donas daquele prédio, porque são contratadas com carteira assinada. Estão diminuindo o valor do salário das funcionárias, pagando qualquer valor, porque não trabalham, e os associados se afastaram. Com essas reformas da previdência, que não exigem associação para provar que se trabalha na zona rural, piorou ainda mais. O mal por si se destrói. Essa reforma começou no governo do PT, com a reforma do código florestal para regularizar o que era ilegal, inclusive a retirada de madeira. Essas funcionárias estão lá recebendo de forma irregular. Já havia coisas irregulares quando assumi em 2006. A Ione tinha a carteira assinada com um salário mínimo e recebia dois salários em recibo, o que se configura sonegação de imposto, ela já vai fazer 30 anos de carteira assinada pelo sindicato e isso a prejudica na aposentadoria. Se as funcionárias entrarem na justiça e a presidência vender o prédio para pagar elas, ainda vai ficar devendo. Eles estão tentando matá-las no cansaço, fazendo uma semana ser uma que vai trabalhar, outra vai outra, mas não estão pagando direito para ver se elas abandonam. Eu disse a elas para não desistirem, porque eles querem demiti-las, dizendo que foi abandono. Mandei que elas não desistam de seus próprios direitos.

Atualmente é como se não houvesse mais um STR em Xapuri. O sindicato, a associação de moradores da reserva, tudo está acéfalo. O PT foi pelo brejo, e eles que são ligados ao partido também foram. Eles não têm moral para fazer nenhum questionamento para o governo atual, pois passaram 20 anos e não fizeram nada. A gente sabe que o governo atual não vai fazer nada, porque essa não é a praia dele. Mas mesmo que ele quisesse fazer algo, não teria como, pois está no primeiro mandato e teve menos de dois anos para trabalhar, devido à pandemia de Covid-19. Então, eles não têm como criticar o governo atual, porque passaram 20 anos no poder, inclusive em todos os poderes, do presidente da república ao prefeito em Xapuri.